



ANO 2 - NÚMERO 25 - NOVEMBRO 2016

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

UM MENINO ESQUENTA A AMAZÔNIA

p. 10

ARQUEOLOGIA

Serranópolis
Um símbolo de patrimônio
da humanidade

p. 22

ECOTURISMO

Abrolhos
Maior biodiversidade
marinha do Atlântico Sul

p. 32

URBANIDADE

E aí,
vamos de rodízio?

p. 49

*"Lutam melhor os que têm belos sonhos."
Seguir sonhando. Seguir lutando!*

www.xapuri.info



“ **E o bonito desta vida é poder costurar sonhos, bordar histórias e desatar os nós de nossos dias.** ”

Cidinha Araujo

COLABORADORES/COLABORADORAS NOVEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antropólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Educador. Claudio Angelo (Observatório do Clima). Cristina Amorim (IPAM). Daniel Santos – Fotógrafo. Eduardo Henrique de Sá Júnior – Pesquisador e Fotógrafo. Eduardo Pereira – Produtor Cultural e Fotógrafo. Guilherme Cobelo – Historiador. Músico e Fotógrafo. Jacy Afonso – Sindicalista. Jaime Sautchuk – Jornalista. Karinna Matozinhos (IPAM). Leonardo Boff – Escritor e Teólogo. Lúcia Resende – Professora. Marco Casagrande – Compositor e Poeta. Rômulo Andrade – Artista Visual. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| 1. Jaime Sautchuk | 7. Juan Pratginestòs |
| 2. Zezé Weiss | 8. Elson Martins |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Neusimar Coelho |
| 4. Binho Marques | 10. Ronei Alves |
| 5. Graça Fleury | 11. Ieda Vilas-Bôas |
| 6. Jacy Afonso | 12. Trajano Jardim |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; . Edição: Jaime Sautchuk (61) 9926-0445 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Revisão de Textos: Lúcia Resende, Zezé Weiss e Thais Maria Pires – Jornalista. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 10.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins. Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

As mudanças climáticas de que tanto se fala parecem distantes de nós, mas várias de suas causas e muitas de suas consequências estão em nosso quintal. Os fogos na Amazônia, em milhões de focos, têm muito a nos dizer. São chamadas ateadas pela mão humana, com o avanço da fronteira agrícola e o desmatamento ainda acelerado, reduzindo a proteção da floresta. A soma de fatores tem efeitos devastadores.

Este 2016 está sendo um ano de estiagem prolongada, provocada pelo fenômeno “El Niño” (O menino), que favorece as queimadas, e estas produzem grande parte do CO2 que a Humanidade joga em sua atmosfera, esquentando o Planeta.

É um círculo vicioso em que o calor externo provoca seca, que incentiva o fogo, que provoca mais seca, que gera calor. Este é o tema de capa desta edição de Xapuri.

Um material rico em informações, que expõe o que a Ciência consegue explicar até o momento, pois há muito de ainda insondável no aquecimento global.

Mas há muito mais o que ler e ver nestas páginas. As belezas do Parque Nacional de Abrolhos, o Sítio Arqueológico de Serranópolis como Patrimônio da Humanidade e a lenda do monstro arranca-línguas que habita o vale do Araguaia são alguns exemplos.

As adivinhações guardadas nas tradições sertanejas, os princípios da sustentabilidade humana e o inevitável rodízio de carros nas cidades brasileiras são mais alguns temas abordados.

Lembramos, também, que novembro é o Mês da Consciência Negra, na figura de Zumbi dos Palmares, e na de Serginho Meriti exaltamos sua majestade, o samba.

Enfim, tenha certeza de que você, amigo leitor, amiga leitora, está iniciando mais uma viagem repleta de encantamentos e boas informações.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





#NovembroAzul

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA ANUAL 12 EDIÇÕES

R\$ 99,00

ASSINE JÁ! WWW.XAPURLINFO/ASSINE

Xapuri 25 NOV 16 SOCIOAMBIENTAL

09 **ADIVINHAS**
O que é o que é?

24 **GASTRONOMIA**
Pudim de claras:
Herança lusitana

10 **CAPA**
Um menino esquenta a Amazônia

28 **MITOS E LENDAS**
A lenda do arranca-língua
O King Kong do Cerrado

20 **CIDADANIA**
Políticas Públicas de Esporte:
Vivendo e aprendendo a jogar

37 **HISTÓRIA SOCIAL**
Manuela Sáenz
A libertadora do libertador

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

16 **ARQUEOLOGIA**
Serranópolis - Um símbolo de patrimônio da humanidade

35 **PERFIL**
Serginho Meriti, sucesso já eterno

18 **BIODIVERSIDADE**
O fogo da Macambira

41 **EDUCAÇÃO**
Em Goiás e no Brasil: Educação fora do eixo

23 **LITERATURA**
Poema para o amigo Paulo Bertran:
Agora eterno, agora sonho

44 **SUSTENTABILIDADE**
O cuidado com nosso único planeta

26 **ECOTURISMO**
Abrolhos - Maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul

46 **URBANIDADE**
E aí, vamos de rodízio?

50 **MEMÓRIA**
Zumbi dos Palmares



Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

ADIVINHAS



A brevidade [receita publicada na edição de outubro/2016] não é breve: encharca os nossos sentidos e fica lá guardadinha. Até que alguém generosamente resgata a receita e nos presenteia, acendendo no forno da memória sensações e saudade! Amei a receita e amei o texto! **Rejane Araújo Oliveira - Alexânia - Goiás**



Xapuri: Sempre um espaço maravilhoso de difusão de dissonâncias, sonâncias e belezas socioambientais do nosso Brasil. **Jairo Lima - Cruzeiro do Sul - Acre.**

Orgulho imenso de fazer parte da Xapuri. Como é bom ver nossa revista informando, formando consciências em todos os cantos do Brasil. **Jacy Afonso - Brasília - Distrito Federal,** na foto com **Rosilene Correa Lima** e **Boaventura de Sousa Santos**, leitores da Xapuri.



O QUE É ?

Uma igrejinha branca
Sem porta nem tranca?

Juro por mim, juro por ti
Que faço meu ninho
Na palma de sua mão.

Sabia mas não dizia
Jenipapo no verão
Puxe pela memória
Me diga esta adivinhação.

O nome da casa
É o dono da casa?



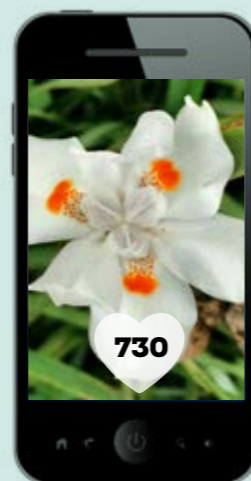
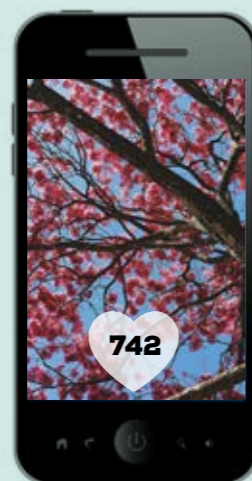
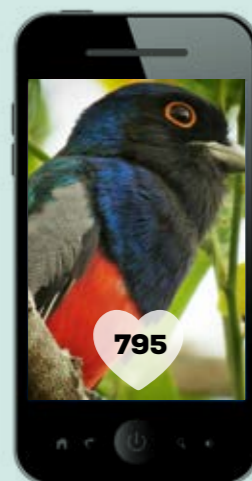
Fonte: Alcides Bezerra (1891-1938) in Luís da Câmara Cascudo. Antologia do Folclore Brasileiro. Volume 2. Editora Global. 6ª Edição. 2003.

As imagens mais populares da @revistaXapuri

@alinepatriciafotografias

@anasntana

@amaterasubsb



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



UM MENINO ESQUENTA A AMAZÔNIA

Karina Matozinhos

O ano de 2016 caminha para ser o mais quente já registrado. Enquanto isso, no Brasil, um dos El Niños mais intensos das últimas décadas exacerbou a estação seca em boa parte da Amazônia.

Quando esses dois quadros se juntaram ao uso inadequado do

fogo nos últimos meses, vastos quinhões da Amazônia arderam, com graves consequências para as populações, para a economia e para a natureza.

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área queimada na região em setembro chegou a 54,5 mil quilô-

metros quadrados, maior do que o Estado do Rio – mas em extensão foi um pouco menor do que em setembro de 2015, contrariando previsões iniciais de potencial recorde neste ano.

Nem por isso há o que se comemorar: largas áreas de vegetação foram incendiadas. “Sabemos

que está ocorrendo o aumento da estação seca na Amazônia e uma alteração no ciclo hidrológico, mas ainda não sabemos direito as causas”, diz o cientista Paulo Artaxo, professor na Universidade de São Paulo (USP).

ESTRESSE

De acordo com dados da NASA (Agência Espacial Norte-Americana), o solo da floresta amazônica está menos úmido em 2016 do que em 2005 e 2010, dois anos que também registraram secas extremas.

A área queimada no bioma aumentou 110% em 2015 em relação à área queimada em 2006, segundo cálculo baseado em informações do Inpe. A área de corte raso caiu 56%, ficando estacionada ao redor de 5.000 km².

Em todo o mundo, as regiões de floresta tropical têm aquecido em média 0,26°C por década desde meados de 1970. “A Amazônia está sofrendo um processo de estresse hídrico devido ao aumento de 1,5°C no último século”, explica Artaxo. “Ao ter um ambiente com uma temperatura alta se aproximando de limiares, isso pode trazer uma fragilidade maior para a região.”

Quando diferentes forças – atividades humanas, como mudança no uso do solo e emissões de CO₂, mais fatores naturais, como El Niño, atuam sobre uma mesma região ao mesmo tempo, pesquisas científicas combinadas a políticas públicas precisam ser prioritárias.

“Políticas públicas de longo prazo, monitoramento, presença do Estado e governabilidade estadual são essenciais para definir os próximos rumos do ambiente e da população como um todo”, diz o cientista. “Uma estratégia muito importante para o país é melhorar o monitoramento ambiental dos processos que estão acontecendo na Amazônia. Mudanças



no uso do solo são só a primeira alteração ambiental numa cadeia muito grande – é preciso monitorá-la completamente.”

EL NIÑO

Em agosto e setembro, o Inpe detectou 425.178 focos de calor no bioma amazônico. Nos mesmos meses de 2015, foram registrados 444.942 focos, cerca de 4% a mais. Já a área queimada cresceu pouco mais de 5%, de 102.965 para 108.655 quilômetros quadrados, na mesma comparação.

Esse fogarê todo responde pelo nome de El Niño (“O Menino”, em espanhol), que começou no ano passado e só foi perder força no primeiro semestre de 2016.

El Niño é um fenômeno natural climático como consequência do aquecimento fora do normal das águas do Oceano Pacífico na altura da costa do Peru.

Conhecido por alterar globalmente os índices pluviométricos e os padrões de vento, no Brasil ele atinge as regiões de formas diferentes. Ao modificar a distribuição de calor e umidade, El Niño geralmente causa excesso de chuva no Sul do país e redução no Nordeste e no Leste da Amazônia.

No período de 2015–2016, a temperatura da superfície do Oceano Pacífico foi a mais alta registrada desde 2001, quando começou o monitoramento

de queimadas por satélite. Para piorar, a temperatura da superfície do Oceano Atlântico também esteve acima do normal, o que intensificou a seca e, por consequência, as queimadas na Amazônia este ano.

ALTA INTENSIDADE

O último grande El Niño foi registrado entre 1997 e 1998. O fenômeno causou uma intensa seca na Amazônia, o que aumentou significativamente as queimadas.

Naquele período, estudos do IPAM com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostraram que na Amazônia os prejuízos com o fogo chegaram a quase 10% de PIB (cerca de US\$ 5 bilhões na época).

Em 1998, só o SUS (Sistema Único de Saúde) gastou mais de US\$ 10 milhões com tratamento de problemas respiratórios na região devido à fumaça das queimadas. No Nordeste, a estiagem provocou uma perda de R\$ 1,8 bilhão devido a quebras de produção. No Sul, as chuvas ficaram acima da média histórica, causando tempestades e enchentes.

Neste ano, o El Niño foi, além de intenso, extenso. “Ainda não podemos atribuir essa intensidade do fenômeno ao aquecimento global; será necessário um pouco mais investigações”, explica o pesquisador sênior do IPAM,

Paulo Moutinho. "Mas o que se pode já dizer é que, se o avanço do desmatamento e das mudanças climáticas continuarem, o cenário de grandes secas em boa parte da Amazônia poderá ser algo bem comum no futuro."

O (DES) CONTROLE DO FOGO

O fenômeno El Niño forneceu o ambiente para as queimadas proliferarem em 2015 e 2016. Mas ele sozinho não explica por que tantos focos de calor surgiram na Amazônia. Essa conta é do homem.

Na Amazônia, é praticamente impossível que o fogo apareça por causas naturais. Raios, por exemplo. Se o número de focos de calor aumentou neste ano é porque alguém riscou o fósforo em uma situação altamente favorável a propagação das chamas.

"A frequência do fogo natural na Amazônia, ou seja, de quan-

to em quanto tempo uma mesma área queima sem interferência humana, é de 500 a 1.000 anos", explica a pesquisadora Ane Alencar, diretora do IPAM.

"Pela ação humana, nós diminuimos essa frequência para 24 anos, sendo que há lugares que já queimaram até 12 vezes nesse mesmo período." É uma alta frequência de queima a qual a vegetação não tem tempo para se adaptar". O resultado é uma mortalidade elevada de árvores, mesmo quando o fogo é rasteiro.

Alencar mapeou o histórico do fogo em 24 anos no Sudeste da região, utilizando dados de sensoriamento remoto e identificando quantidade de material no solo. Sua conclusão é que, apesar de o fogo ser considerado um distúrbio natural da floresta, a forma que se faz o manejo da terra está alterando seu regime na Amazônia, pois ele mexe na

dinâmica da região, enquanto as mudanças climáticas potencializam seus efeitos.

"A floresta tem a capacidade de retenção de água no solo, mas não está se recuperando desse processo de seca intensa", diz a diretora do IPAM. Há um déficit de água acumulada na floresta, que parece aumentar ano após ano. Por isso, qualquer fagulha tem potencial de virar labaredas. "São vários eventos que se sobrepõem, sem que haja um tempo de recuperação do solo."

Um desses eventos é a conversão de uma área florestada para um campo de soja ou de pasto. Um estudo realizado pelo também pesquisador do IPAM Divino Silvério ao redor do Parque Indígena do Xingu (MT) aponta que áreas de produção têm a temperatura da superfície de 4°C a 6°C, em média, mais alta em comparação a uma área florestada.

"Ao desmatar, o sistema perde capacidade de retirar água do solo mais profundo, assim, a energia do Sol que seria utilizada para gerar vapor d'água passa a ser utilizada para aquecer o solo. Desta forma, o sistema se torna muito mais quente e mais seco", explica Silvério.

COMBATE

Justamente num ano que se previa crítico, o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) teve menos dinheiro para combater incêndios florestais na Amazônia.

O Prevfogo, um programa do Ibama que todo ano contrata brigadistas para combater queimadas sobretudo em terras indígenas e assentamentos, teve R\$ 24,2 milhões no ano passado e contratou 1.400 pessoas. Neste ano, após dois cortes orçamentários e uma complementação, foram R\$ 22 milhões, gastos para contratar 900 pessoas.

"Com o aumento do salário mínimo, a despesa total cresceu, mas o orçamento não acompanhou. Por isso contratamos menos brigadistas", explica Gabriel Zacharias, chefe do Prevfogo.

Segundo ele, uma estratégia que o programa tem usado nos últimos anos é tentar fazer o manejo do fogo usando o conhecimento tradicional dos índios (23 das 49 brigadas do Prevfogo são indígenas).

"Não dá para simplesmente dizer para não queimar. O que nós estamos fazendo é buscar resgatar, por exemplo, a informação de quando os avós dos índios queimavam", diz Zacharias. "O horário da queimada, por exemplo, importa muito na disseminação do fogo."

MAIS FOGO, MENOS COMIDA

O fogo é uma técnica antiga utilizada pelos índios, para limpar a área e preparar a terra antes do cultivo. No passado, quando usado, o fogo não causava

tantos problemas.

Porém, em um ambiente cada vez mais seco, as condições naturais do clima que os indígenas estavam acostumados não são mais as mesmas. O risco de se perder o controle do fogo – porque a chuva atrasou, por exemplo – é bem maior agora. Consequentemente, há mais incêndios florestais e muitos indígenas estão perdendo seu cultivo de subsistência.

Segundo a pesquisadora do IPAM, Ane Alencar, é preciso entender como as políticas públicas podem auxiliar em ano de seca extrema e trabalhar com os índios a melhor forma de manejo para enfrentar o problema. "É preciso criar os mecanismos para que eles tenham essa visão de médio prazo e possam se adequar às novas condições climáticas", afirma Alencar.

Uma alternativa para a criação desta visão mais abrangente do problema está na plataforma SOMAI (Sistema de Observação e



Monitoramento da Amazônia Indígena), desenvolvida pelo IPAM.

Por meio dela, os povos tradicionais têm acesso a informações que impactam suas terras. Com o apoio do Google, nos próximos meses, um boletim digital, o Alerta Clima Indígena, será lançado para levar dados climáticos com mais antecedência aos indígenas.

"Muitos povos indígenas já relatam mudanças nos seus calendários agrícolas, afetando diretamente a segurança alimentar. Ferramenta como o SOMAI e o Alerta Clima Indígena apoiarão tomadas de decisão importantes na gestão territorial, visando a ações de adaptação para esses povos", afirma a coordenadora do núcleo indígena do IPAM, Fernanda Bortolotto.

PRODUÇÃO EM RISCO

Não só o cultivo de subsistência precisa de adaptação. No Pará, o segundo estado que mais produz cacau no Brasil, os agricultores estão sentindo os impactos da seca.

No verão de 2015, diversos produtores relataram a mortalidade de cacauzeiros. Este ano, a safra que deveria ser colhida até agosto atrasou e é esperada uma perda de 50% da produção.

Até os produtores mais antigos estão surpresos com a situação deste ano. Élio Trevisan é um médio produtor em Medicilândia (PA), que produz cacau desde 1977. Ele conta que, em uma safra normal, sua produção é de 1.500 quilos por hectare, mas este ano vai cair para 900 quilos.

"É uma queda muito grande na colheita do cacau, ainda mais considerando que essa foi a única safra do ano. Estamos sofrendo, porque ficamos nove meses sem produção", disse.

OS EFEITOS INVISÍVEIS DO FOGO

Além das labaredas e grandes colunas de fumaça, as queimadas provocam efeitos danosos e de longo prazo que não são imediatamente visíveis.

O primeiro é o empobrecimento do solo. Especialmente em áreas em que o fogo é recorrente, ou seja, quando é usado como ferramenta agrícola, ele degrada e afeta a fertilidade da terra e reduz tanto a produção agrícola quanto sua capacidade de produção.

Nutrientes essenciais às plantas como nitrogênio, potássio e fósforo são eliminados. Além disso, a prática reduz a umidade do solo e acarreta sua compactação, resultando em um processo erosivo.

Na Amazônia, as queimadas se somam ao desmatamento e a secas extremas para ampliar esse processo, uma vez que cada um desses fatores alimenta o seguinte.

Com a crescente demanda por alimentos, a saúde do solo, que é um recurso finito, é uma preocupação mundial. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) cerca de 32% das terras do mundo estão degradadas.

"No Brasil, 40% do PIB vêm do uso do solo. Se fizermos o manejo de forma equivocada, vamos comprometer o futuro e a segurança alimentar da população. Por isso, é preciso investir na conservação, na recuperação e no bom uso do solo," explica o diretor-executivo do IPAM, André Guimarães.

AQUECIMENTO GLOBAL

Outro efeito é o impacto no clima. Além de reduzir a capacidade das florestas de armazenar o

carbono, as queimadas são responsáveis por liberar uma grande quantidade de CO₂, o principal gás do efeito estufa, na atmosfera.

Estimativas globais indicam que 70% a 80% do CO₂ que chega à troposfera pela queima de biomassa em um ano vêm de regiões equatoriais e subtropicais.

Na terceira Comunicação Nacional do Brasil à Convenção da ONU sobre Mudanças do Clima, divulgada este ano, a emissão de gases estufa pelo fogo seguida de desmatamento corresponde a 350 milhões de toneladas de CO₂ equivalente (tCO₂e) em 2010, que são 63% das emissões totais de uso de solo, como explica o cientista da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) Raoni Rajão.

"Há também as emissões de mais de 450 milhões de tCO₂e que, por serem de fogo que não ocasionaram desmatamento, não são contabilizadas, já que parte disso pode voltar para a floresta em recuperação", diz.

Quanto mais gases estufa na atmosfera, piores são as mudanças climáticas e mais intensos e frequentes serão os eventos extremos, como as secas que, por sua vez, alimentam mais fogo, num círculo vicioso extremamente perigoso para a Amazônia e para quem vive na região.

"Enquanto desmatamento e queimadas forem uma prática corrente na Amazônia, não haverá equilíbrio", diz Paulo Moutinho, do IPAM.



Esta matéria, produzida por Karinna Matozinhos (IPAM), com a colaboração de Claudio Angelo (Observatório do Clima) e edição de Cristina Amorim (IPAM) nos foi cedida pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia - IPAM, a quem agradecemos.


 NOVEMBRO AZUL

SINDICATO APOIA CAMPANHA DE COMBATE AO CÂNCER DE PRÓSTATA

Nos moldes do Outubro Rosa, está sendo realizada, mundialmente, a campanha Novembro Azul, que tem como objetivo destacar a importância do diagnóstico precoce do câncer de próstata.

Em apoio à campanha, o Sindicato permanecerá com a fachada do seu edifício iluminada na cor azul por todo o mês, a exemplo do que acontece em prédios e monumentos no mundo inteiro.

A intenção da iniciativa é alertar sobre os riscos dessa doença e conscientizar a população sobre a importância de se adotar ações preventivas. Nesse sentido, como a doença pode demorar a se manifestar, o Ministério da Saúde recomenda a realização de exames preventivos e PSA anualmente.

Segundo dados divulgados pelo Inca, este é o sexto tipo mais comum de câncer no Brasil e o segundo mais frequente em homens, após os tumores de pele.

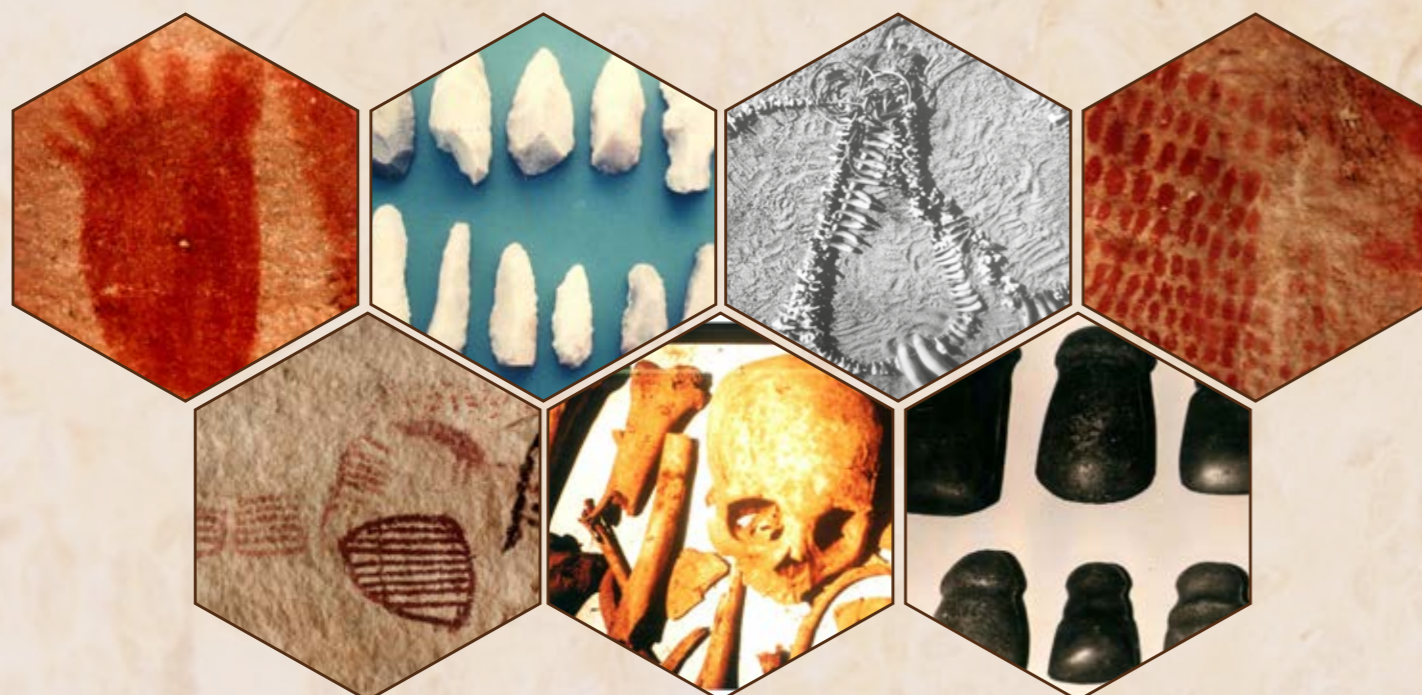


SERRANÓPOLIS

UM SÍMBOLO DE PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Altair Sales Barbosa

Fotos: Acervo Altair Barbosa



A região de arqueologia de Serranópolis, situada no sudoeste de Goiás, pela natureza e característica dos sítios arqueológicos aí encontrados, desempenha importante papel na compreensão da arqueologia do Brasil e da América do Sul.

Os sítios, localizados principalmente nos arredores da cidade de Serranópolis, têm oferecido uma sequência de ocupações que vêm de aproximadamente 13.000 anos Antes do Presente (AP) até o início do século XX, em circunstâncias muito especiais, principalmente no que se refere à conservação e disposição estratigráfica do material, permitindo uma visão clara das mudanças culturais e fornecendo dados importantes sobre mudan-

ças ambientais ocorridas durante o período.

No atual estágio do conhecimento, torna-se impossível qualquer tentativa de compreensão da pré-história das áreas interioranas centrais da América do Sul, sem ter como referência a Arqueologia da região de Serranópolis.

Os estudos na área tiveram início em 1975, integrando as atividades de um projeto maior, denominado Projeto Paranaíba, coordenado pelos professores Pe. Pedro Ignácio Schmitz S.J. e Altair Sales Barbosa, com apoio do CNPq e do IPHAN.

Desde esta época o projeto conseguiu reunir dezenas de datações de C-14, realizadas pela Smithsonian Institution de Washington DC, por

intermédio da Dra. Betty Meggers (em memória).

O Projeto Paranaíba abrange quase a totalidade da vertente goiana do Paranaíba, área que geologicamente se enquadra na bacia sedimentar do Paraná, com todas as peculiaridades do contato entre o arenito Botucatu e o derramamento basáltico da formação Serra Geral, fato que permitiu a silicificação de parte do arenito, formando abrigos e propiciando matéria prima de excelente qualidade para confecção de instrumentos pelos seres humanos que habitaram a área.

A vegetação de cerrado se nos apresenta com todos seus matizes, variando de um gradiente totalmente aberto (campos), até ambientes

ombrófilos (matas), onde existem manchas de solo de boa fertilidade natural.

Por isso, não é nenhum exagero afirmar que a região arqueológica de Serranópolis – em especial, as grutas do Diogo, Manoel Braga e Jair e Altair Canjerana podem ser consideradas “Patrimônios da Humanidade” – encontra-se, sem sombra de dúvida, entre os maiores, sendo talvez o maior Patrimônio Arqueológico do Brasil, não pela ostentação das pinturas rupestres, que aliás são muitas e variadas, mas, principalmente, pelas camadas estratigráficas formadas nos abrigos, onde cada fina camada de terra funciona como se fosse página de um gigantesco livro, que conta em minúcias a história dos primórdios da ocupação humana do centro estratégico da América do Sul.

Essas informações minuciosas vêm desde 13.000 anos AP, até o início do século 20, quando se iniciou de forma efetiva a implantação de grandes fazendas na região. Em nenhum outro local do Brasil, essa situação é encontrada.

Cada pequena porção de sedimento removido revela a tecnologia utilizada por esses povos, seus hábitos alimentares, sua organização social e espacial, seus ritos de sepultamento, dados sobre demografia, evolução ou adaptação ecológica através de milhares de anos, as inovações e, possivelmente, empréstimos e troca de saberes com outros povos.

Além de restos de vegetais nativos consumidos associados a conjuntos tecnológicos de pedra lascada, podem ser encontrados, também de forma abundante, restos de animais consumidos por essas populações.

Nos períodos mais antigos, esse tipo de material se mostra associado com material lascado sem formas definidas, caracterizado por lascas, com gumes desgastados, sinalizando a intensa utilização destas.

Aparece também de forma bem definida variados instrumentos, destacando entre estes as “lesmas”, termo utilizado pela arqueologia brasileira, para caracterizar o mais singular conjunto de instrumentos do início da ocupação pré-histórica do centro da América do Sul.

Apesar de serem conhecidas

noutras áreas do continente, a elaboração desses instrumentos, em Serranópolis, atingiu seu nível de perfeição. E as “lesmas” elaboradas aí servem de guia taxonômico para outras localidades.

As mudanças ambientais são reveladas de forma clara pela estratigrafia dos abrigos, indicando períodos com oscilações de umidade e temperatura, desde 13.000 anos até os tempos atuais. Fato que nos obriga a refletir sobre as situações ambientais atuais, com seus períodos de farta umidade e períodos longos de estiagem.

Lança uma luz fundamental sobre as atuações e alcance dos fenômenos El Niño e La Niña, além de nos alertar sobre os reflexos no Hemisfério Sul da Glaciação Pleistocênica do Hemisfério Norte. Tudo isto é possível ler nas páginas deste gigantesco livro formado no interior dos abrigos de Serranópolis. Entretanto, todos esses dados não passam de uma pequena parcela de todo o conjunto de informações aí obtido.

O sítio é um laboratório antropológico e geográfico singular, pois permite de forma clara perceber as inúmeras adaptações humanas ao longo das mudanças ambientais, bem como as mudanças de organização do espaço, ocorridas ao longo de muito tempo. E, com isso, estabelecer precisos calendários de caça e coleta.

À medida que as escavações nos conduzem para épocas mais recentes, fica patente a grande capacidade do homem que ali habitou em se relacionar com outros povos, aprender e ensinar com estes. Da mesma forma que fica patente a capacidade inovadora daquelas populações ali residentes, ancestrais de alguns grupos indígenas que provavelmente ainda sobrevivem até os dias atuais.

De aproximadamente 4.000 anos, em direção aos tempos atuais, é impressionante a quantidade de vegetais exógenos, alguns já domesticados, encontrada nas camadas: amendoins, algodão, favos e grãos de feijão, um tipo de cereal primitivo semelhante ao arroz, cucurbitáceas, e espigas de milho primitivo, algumas ainda com palhas e grãos.

Essa preservação só é possível em função de um microclima especial que se forma no interior desses abrigos.

Para ilustrar tal fato, relato a descoberta de uma faca trabalhada em pedra lascada, com marcas de sangue e envolta numa espécie de bainha feita de folhas e amarrada com corda trançada da embira de tucum, datada de 8.000 anos e toda preservada.

Também de forma muito clara é possível ler nestes sedimentos a invenção e introdução da cerâmica, no cotidiano desses povos. Nós arqueólogos definimos no mínimo duas grandes tradições ceramistas para a região. Da mesma forma e, não menos surpreendente, essas camadas de sedimentos revelam o início da utilização em larga escala dos instrumentos de pedra polida, alguns fabricados no próprio local; outros, pela grande variedade, foram introduzidos através de intercâmbios.

Todo esse conjunto de material é encontrado nas camadas de sedimentos formadas no interior dos abrigos.

Nos paredões desses abrigos floresce um conjunto de variados estilos de pinturas rupestres, com formas de animais, formas geométricas, formas humanas, vegetais etc. Em muitos locais, podem ser observadas superposições dessas pinturas, o que indica que foram elaboradas em épocas diferentes.

Quando observa estas pinturas a olho nu, o observador não tem condição de perceber a sua grande variação, porque dessa forma só é possível perceber as pinturas mais recentes e mais bem preservadas. Todavia, quando se aplica a técnica infravermelha, quer seja para observação, quer seja para registro, pode-se constatar a grande variação que caracteriza esses painéis com pinturas.

Por essas e outras razões é que se afirma que a região arqueológica de Serranópolis está entre os maiores patrimônios arqueológicos do mundo. E, sem nenhuma dúvida, pode ser considerada o mais importante capítulo para entender a ocupação indígena do Brasil.



Prof. Dr. Altair Sales Barbosa

Doutor em Antropologia pelo Smithsonian Institution – Washington D.C.

O FOGO DA MACAMBIRA

Eduardo Henrique

A macambira (*Encholirium spectabile* Mart. exSchult. f.), também conhecida como macambira-de-flecha, é uma espécie endêmica do Brasil que pertence à família bromeliaceae. Encontrada do Nordeste, principalmente em afloramentos rochosos e áreas de caatinga mais preservada.

Esta bromélia possui significativa relevância socioeconômica e ambiental nas regiões brasileiras onde as chuvas são mais escassas. Prova disso é sua intensa utilização para alimentação animal no período seco, quando o sertanejo não possui outras fontes de alimento para seu rebanho, ou até mesmo na alimentação humana, como mostram as histórias das grandes secas.

Assim, existem duas formas comumente utilizadas no Semiárido brasileiro para fornecimento de macambira aos animais: uma delas é a extração seletiva manual com facão apropriado, e a outra é a queima de suas touceiras no ambiente natural. Esta última, por sua vez, causa danos irreparáveis ao ambiente.

Na extração manual da macambira o trabalho é mais árduo, porém, se bem manejado, permite a rebrota nos anos seguintes.

Por outro lado, o uso do fogo destrói vastas áreas de touceiras da planta que levam séculos para se formarem.

Além disso, o fogo atinge outras espécies da flora e diversos animais componentes da fauna da Caatinga que se beneficiam do ambiente inóspito aos predadores proporcionado pelas margens aculeadas da macambira.

Um dos grandes desafios no Semiárido é utilizar os recursos naturais de forma sustentável, garantindo renda digna às famílias ao mesmo tempo em que se preserva o meio ambiente. Dessa forma, faz-se necessário buscar alternativas que permitam essa harmonia na interação ser humano-ambiente. Assim, tendo em vista a importância da criação de animais no Semiárido, uma das formas de evitar problemas ambientais causados pela queima das macambiras é a utilização de métodos de conservação de plantas forrageiras, como a fenação e ensilagem, que são utilizados em diversas partes do mundo em que a disponibilidade de alimento para os animais é abundante apenas em pequena parte do ano.



Eduardo Henrique de Sá Júnior - Estudante de Agronomia na UFRPE, administrador da página Viva Caatinga, fotógrafo da natureza.

ENTENDA POR QUE BRASÍLIA PRECISA DA CÂMARA LEGISLATIVA.

Entre as inúmeras atribuições da CLDF, algumas têm grande importância para a vida das pessoas e da cidade. Foi a Câmara Legislativa, por exemplo, que criou a Lei Orgânica do DF, lei equivalente a nossa Constituição. Ela garante os nossos direitos, lista os nossos deveres, organiza a nossa sociedade e é um canal aberto para que a população demande seus desejos e necessidades. Acesse www.cl.df.gov.br e saiba mais sobre a Câmara Legislativa do Distrito Federal.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE: VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR

Jacy Afonso

A busca de formas possíveis de justiça e igualdade, liberdade e ao mesmo tempo de individualidade, implica uma relação complexa, difícil de resolver.

Exercitar a cidadania globalizada sem perder de vista o entorno exige olhar a cidade não apenas como um espaço físico, mas como lugar onde circulam pessoas, ideias, saberes. A cidade é o lugar onde as culturas, o imaginário e a ideia de cidadania devem ser pactuados.

O senso comum com ausência de criticidade nos leva a ver o esporte como bom em si mesmo, como idioma universal acima de conflitos sociais e políticos, espaço de harmonia e convivência pacífica.

Desconsidera-se que o desmonte do Estado e as pressões

para reformular as responsabilidades com as questões do esporte e do lazer fazem parte de um modelo societário que valoriza a indústria cultural e a esporte mercadoria.

Essa concepção originária da superficialidade é que, em geral, define a linha de orientação que estrutura e organiza as políticas públicas esportivas sem considerar que estas podem ser semente de autonomia e emancipação.

Esporte, lazer e cidadania podem se configurar não para apenas em espaço e tempo repor as forças para o trabalho, mas para animar, vibrar a vida e a alma.

A cidadania associada à atividade esportiva e de lazer pode encaminhar outras possibilidades de construção de um sujeito com condições de se expressar e

de se apropriar das suas circunstâncias espaciais e temporais. O corpo é capaz de criar espaços de resistência e construção do novo, fortalecendo o cidadão objetiva e subjetivamente.

Atividades esportivas são importantes para a apreciação estética do mundo, para entender outras formas de expressão a partir da linguagem corporal, diferentes formas de pensamento e de relações sociais, levando ao enriquecimento do potencial das pessoas.

Atividades esportivas planejadas, organizadas e articuladas com e nas comunidades possibilitam o questionamento daquilo que se diz e pensa sobre as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, fugindo de fontes limitadas de informação, daquilo

que veem e ouvem dos amigos, familiares e nas mídias.

Possibilitam entender, por exemplo, o contexto da Copa do Mundo, da Olimpíada, da Paralimpíada; inclusive as mudanças ocorridas na cidade, quem foi beneficiado e quem foi prejudicado por esses grandes eventos.

É dever dos entes federados, especialmente o municipal, estabelecer uma política de esporte e lazer que vise a uma consciência desportiva.

Criar condições para que os diferentes segmentos sociais, especialmente os mais desprotegidos se reúnam e debatam, propicia a assunção da vida comunitária e que as horas de lazer sejam aproveitadas para fortalecimento das relações, pois uma das funções sociais do esporte é a capacidade de mobilização e de convivência que encerra em si mesmo.

A primeira grande tarefa é inserir esporte e lazer como ação transversal, pois envolvem saúde, turismo, meio ambiente, educação, cidadania. A partir do debate cooperativo, podem ser organizadas diferentes ações, com abrangências diversificadas.

Quadras, campos, praças, parques, pistas de skate, ciclovias, centros comunitários, clubes, são espaços fundamentais para implementação de atividades esportivas e de lazer. Estruturar equipamentos esportivos nas escolas é fundamental.

Além de ampliar as possibilidades dos estudantes, a comunidade pode ser incluída na utilização de quadras esportivas e espaços multiusos, sentindo-se também responsável por eles.

Inúmeros programas e ações podem ser implementados considerando diferentes públicos: crianças, jovens, idosos, pessoas com deficiência. Inaugurar no município projetos que contem-

plem as diferentes modalidades que culturalmente são praticadas, como futsal, vôlei, futebol, natação, handebol, judô, karatê, capoeira, tai-chi-chuan, ginástica artística, ciclismo, atletismo, corrida, caminhada, dança, xadrez, dama, dominó, são alguns exemplos de ações que podem ser organizadas em inúmeros programas: ruas do lazer, vem dançar, fins de semana temáticos, virada do esporte e lazer, ciclismo noturno, passeio no campo, torneios, campeonatos, esporte e meio ambiente.

O momento vivido no Brasil se expressa em todos os aspectos da vida nacional. A cada dia vemos mais distantes as transformações sociais que poderiam nos levar à cidade que queremos, onde cidadãos livres, autônomos, saudáveis e criativos circulam, agem, interferem, decidem.

No esporte o desmonte não é diferente. Da criação do Ministério do Esporte e fortalecimento de seus programas, passando pela euforia do anúncio da realização da Copa do Mundo, das Olimpíada e Paralimpíada no Brasil, chegamos à proposição de uma reforma do ensino médio onde, dentre outras matérias como Sociologia e Filosofia, a Educação Física deixa de ser obrigatória.

Retiram-se os estímulos às atividades esportivas comunitárias, de formação, de educação. Deixa-se para o mercado e para instituições públicas ou não a responsabilidade apenas para com o esporte de alto rendimento. Os esportes temáticos que levam ao entendimento de contextos e à interação social e cultural são desprezados.

Afinal, quanto mais isolados, atrofiados, inativos, acomodados estiverem os cidadãos, mais facilmente se destrói um país.

Considerado como fenômeno social e político capaz de influenciar transformações culturais, por suas inúmeras possibilidades em relações ativas, dinâmicas, de ludicidade e criatividade, o esporte é elemento de satisfação dos direitos da cidadania.

Atividades esportivas para além de corporais trazem condições sociais objetivas e subjetivas por meio de novas formas de estar junto, tornando a cidade espaço de convivência.

As esferas governamentais, especialmente a municipal, têm papel fundamental no planejamento do espaço urbano numa perspectiva de resistência à reprodução social, de contraponto à lógica mercantilista.

Para tanto, destaca-se a importância do debate transversal e social para construir diretrizes para políticas públicas. Isso exige ultrapassar a tradição autoritária e chegar a uma concepção democrática do esporte que valorize a participação ativa e considere os interesses dos setores socialmente constituídos no município.

Afinal, a verdadeira função social do esporte cumpre-se no momento em que este é fonte de prazer e de saúde, é agente de mobilização e de transformação, torna-se um direito de todos.

Mudar o mundo a partir da aldeia.

A cidade é da cidadania!



Jacy Afonso
Sindicalista



FOI ASSIM QUE CHEGAMOS ATÉ AQUI

BEM-ESTAR + GESTÃO DE PATRIMÔNIO + DIREITOS + RESPONSABILIDADE SOCIAL

PRA FAZER MAIS PRA MUITOS

FENAE - Investidora Social

Com empreendedorismo, gestão e responsabilidade, construímos a solidez necessária para realizar um movimento associativo forte e independente. Agora, queremos ir mais longe e compartilhar cada vez mais com a sociedade em busca de um país melhor.

Poema para o amigo Paulo Bertran: Agora eterno, agora sonho

Romulo Andrade

*Bicho cerratense é um ente barroco.
Curte o silêncio, em vastidões de céu
fases da lua, eclipses e crepúsculos.*

*Ama os rios, os córregos
capão e nascentes*

*Desconfia de muito progresso
de cidade grande e tecnologia.*

*Água cristalina
perfume de mato
árvores nativas
chapadas e arcaísmos.*

*Cultiva alguns canteiros
de flores e de amizade.*



Rômulo Andrade
Artista visual



Pudim de claras: HERANÇA LUSITANA

Lúcia Resende

Temos buscado, a cada edição, resgatar receitas tradicionais, costumes familiares, enfim, contribuir para a preservação da cultura gastronômica por vezes tão atropelada pelos "fast foods" das esquinas modernas.

Do colonizador, "além do sangue lusitano, da boa dosagem de lirismo e da sífilis, claro", como bem lembrou o poeta, herdamos rica influência na nossa culinária. Quando o assunto é sobremesa, impossível não recordar uma receita de além-mar.

Aqui, vamos falar do pudim Molotov ou pudim de claras, simplesmente. Esta é uma boa forma de aproveitar as claras que sobram de diversas receitas, entre elas a da brevidade, delícia de que falamos na edição anterior, ou do pão-de-ló, quindim, fio-de-ovos, dos ovos moles, da baba-de-moça, do toucinho do céu, entre outras tantas da famosa "Doçaria Conventual" portuguesa.

Segundo A. Tavares e Carlos

Rocha (<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt>), o pudim de claras é uma sobremesa de "tempos de guerra" e teria virado pudim "Malakoff" na época da Guerra da Crimeia, ocorrida em 1854-1855. Malakoff era o nome de uma fortaleza que protegia a cidade de Sebastopol, onde se deu importante batalha na qual o czar russo foi derrotado.

Mais tarde, por ocasião e influência da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente do ministro dos Negócios Estrangeiros da então União Soviética Vyacheslav Mikalovich Skriabine, chamado na clandestinidade de Molotov, o pudim teria mudado de nome em Portugal.

Feito o registro histórico, o pudim de claras me lembra mesmo é cozinha de casa de mineira, me traz o gosto da infância na roça, onde ovo era fartura e faltavam os variados ingredientes que hoje enchem nossos armários. A simplicidade da receita que não iluda, pois aqui está uma sobremesa simplesmente espetacular!

Pudim de claras

Ingredientes

6 claras
1 pitadinha de sal
8 colheres de açúcar refinado

Calda

1 xícara de açúcar
½ xícara de água

Modo de Fazer

Em uma panela, leve o açúcar ao fogo até dourar, acrescente a água e faça uma calda em ponto de caramelo. Espalhe a calda ainda quente por toda a forma (própria para pudim). Reserve.

Bata as claras com a pitadinha de sal até ficarem bem firmes. Sempre batendo, acrescente as colheres de açúcar uma a uma. Bata mais um pouco até que fique firme e homogêneo, como um glacê. Coloque as claras na forma com cuidado, ajeitando com uma colher e dando leves batidinhas. Em seguida, asse em banho Maria, em forno pré-aquecido a 200 graus até que fique dourado. Depois de morno (não frio) desenforme com cuidado e leve à geladeira. Gelado, é servir e esperar os elogios!

Atenção: cravo, raspas de limão, baunilha, isoladamente, podem ser acrescentados à receita, para aromatizar.



Bom apetite!



Lúcia Resende
Professora

@mluciares



Abrolhos

MAIOR BIODIVERSIDADE MARINHA DO ATLÂNTICO SUL

Eduardo Pereira

Águas cristalinas. Um céu azul a perder de vista. Um fantástico recife de corais. Um arquipélago de cinco ilhas deslumbrantes. E o imperdível balé aquático das baleias jubarte. É esse o cenário do Parque Nacional Marinho de Abrolhos, paraíso ainda intocado nos mares do sul da Bahia. Com seus 98 mil hectares, o Parque abriga o maior e mais diversificado conjunto de recifes de corais (16 espécies) do Atlântico Sul. Abrolhos é a única região do planeta onde é possível encontrar o coral *Mussismilia braziliensis*, conhecido por coral-cérebro por seu aspecto peculiar.

Criado em 1983, o Parque Nacional Marinho de Abrolhos abriga a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul. Admi-

nistrado pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), o Parque compreende duas áreas principais: o recife de corais, voltado para o município baiano de Alcobaça, e as cinco ilhas do arquipélago, localizadas a cerca de 70 quilômetros da costa da Bahia.

Abrolhos ganhou fama ao ser visitado por Charles Darwin em 1832. Além de resguardar porção significativa do maior banco de corais e da maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul, o Parque protege algumas das principais áreas-berçário das baleias jubarte que, entre os meses de julho a novembro, ali chegam todo ano em busca das águas mais quentes do litoral da Bahia para os seus rituais de reprodução.



Anote ai!

O Parque Nacional Marinho dos Abrolhos pode ser visitado o ano todo. O verão, especialmente os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, é o período mais propício para mergulhos, porque as águas ficam mais quentes e têm maior visibilidade. Entre os meses de julho e novembro, o principal atrativo são as acrobacias das baleias jubarte.

Fonte: ICMBio



A LENDA DO ARRANCA-LÍNGUA

O KING KONG DO CERRADO

Diz a lenda que esse gorila gigante, que habita as matas da região do Araguaia, é bem maior do que um ser humano e gosta muito de comer línguas – de cabras, cavalos, bois, e até mesmo de gente.

Quem já o viu contou pra quem não viu que o bicho cabeludo, de voz fanhosa e cara chata, ataca

as reses de noite, e delas só retira a língua, para comer. Já dos humanos, conta a lenda que o monstro só arranca a língua dos ladrões de gado.

Dizem que ele se parece mais com o King Kong do que com um gorila africano, que perambula desde a cabeceira do Xingu até as cercanias de Goiânia. Expli-

cam os historiadores que a região do Araguaia ficou despovoada por muito tempo pelo medo que as pessoas passaram a ter desse monstro que foi apelidado de King Kong goiano.

Verdade ou não, o fato é que o Arranca Língua tem até poesia, de autoria do poeta Zoroastro Artiaga.

DADO CURIOSO

Ao contrário de tantas outras lendas, essa parece ter ano certo de nascimento. Ela teria aparecido no ano de 1929, na região de Aruana, onde ficava o antigo porto fluvial do Araguaia. Diz-se que naquele ano uma crise de febre aftosa atacou os rebanhos. Com a doença, os animais passaram a sofrer de grande “comichão” na língua. Tentando coçá-la, a rês acabava por cortar a própria língua com seus próprios dentes. De lá, a endemia se esparramou pelo resto do estado de Goiás, deixando, por onde passava, muitos animais com as línguas cortadas. Foi o suficiente para a imaginação popular criar mais uma fantástica lenda brasileira.

KING KONG

Feroz, cruel, terrível, monstruoso,
De grande força e porte agigantado,
O sertão de Goiás, misterioso,
Habita o King-Kong tão falado.
História ou lenda, o fato é curioso
E parece bastante exagerado:
É que vagueia a procurar o gado,
Arrancando-lhe a língua, furioso.
E por todo lugar por onde passa
Assola o gado pela pastaria,
Pelo prazer de línguas arrancar.
Ah, se tal monstro por aqui passasse,
Quantas línguas compridas tiraria!
E quanta gente sem poder falar!



Professor João Neto e seus estudantes: estudo da Química relacionado a questões sociais e ambientais

Joelma Bonfim

Óleo de cozinha usado vira biodiesel no CEMAB

O engenheiro Rudolph Diesel, há mais de 100 anos, utilizou em seus ensaios óleo de amendoim como combustível. Atualmente, o uso dos óleos vegetais como combustível pode parecer insignificante, mas tais óleos podem, no decorrer do tempo, ser tão importantes quanto o petróleo.

Embalado por este pensamento, o professor de Química João Amorim Costa Neto - desde 1991 na rede pública do Distrito Federal - deu início a um projeto-piloto no Centro de Ensino Médio Ave Branca

(CEMAB), em Taguatinga, onde leciona.

João Neto implantou o projeto Biodiesel no início deste semestre, no final de agosto, e já empolga.

“A base é a questão ambiental. Por isso, produzimos biodiesel a partir de óleo de cozinha usado, com rota etílica (usando etanol). Ou seja, a geração de energia é conseguida através da biomassa. Esse não é o processo mais barato, tanto que a indústria utiliza outro, com rota metílica”, explica o professor.

Apesar de trabalhar no período noturno, ele fez o convite para estudantes dos três turnos. Os encontros acontecem todas as segundas-feiras, à tarde, regularmente com dez alunos. Após as orientações e discussões, eles põem a mão na massa e produzem o biodiesel em escala laboratorial.

Sobre os materiais utilizados na produção do biodiesel, o professor conta que, na realidade, os reagentes já existiam no laboratório e o agitador magnético - empregado no processo - estava lacrado há

A matéria-prima, o óleo residual de fritura, está logo ao lado, disponibilizado pela cantina da própria escola

muito tempo, sem uso. “Isso, infelizmente, acontece na rede pública em geral. Há muitas escolas com laboratórios equipados, mas sem uso. Isso porque, na década de 90, havia projetos que contemplavam a utilização de laboratórios de Física, Química e Biologia. Esses projetos foram à frente durante alguns anos e pararam depois. Os professores que atuavam em laboratório foram remanejados para trabalhar apenas em sala de aula. Com isso, os laboratórios terminaram desativados. Anos atrás, por exemplo, o laboratório do Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga (CEMEIT) acabou extinto para dar lugar, à época, à Regional de Ensino. Hoje ele voltou a funcionar”.

A matéria-prima, o óleo residual de fritura, está logo ao lado, disponibilizado pela cantina da própria escola. Com isso, João Neto prepara os estudantes a ajudar a preservar o meio

ambiente e a garantir a qualidade de vida da população, sob dois aspectos: no primeiro, este óleo residual não seria descartado na rede de esgoto, diminuindo a contaminação de rios e solo; e no segundo, estaria contribuindo para diminuição da emissão de gases poluidores.

O professor explica que “nossa produção é didática, mas a intenção para o ano que vem é criar um pequeno reator para ter uma produção maior e, quem sabe, poder mover um veículo”.

O grande intuito, segundo João Neto, foi reunir esses alunos em uma aula ambiental, sem perder de vista o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Programa de Avaliação Seriada (PAS), trabalhando os conteúdos ambientais correlacionados. “Numa aula de biodiesel, por exemplo, explicando o que é um óleo entramos em vários conteúdos da Química e de outras disciplinas também”, diz.

Os estudantes aprovaram a iniciativa. Abigail Dias Ramos dos Santos (18) e Amanda Freitas Cruz (17) contam que, no terceiro ano, a Química é bem ‘pesada’ dentro da parte de ciências naturais. “Então, é importante a gente desenvolver algo mais profundo e que complemente outras disciplinas, o que conseguimos fazer aqui. Aprofundamos o estudo da Química, relacionada a questões sociais e ambientais. Sem falar que muitas coisas que aprendemos na teoria ficam esclarecidas na prática”.

Estudantes do segundo ano, Gabriel de Oliveira Bonfim Araújo (16) e Francisco Wesley Barbosa Alves (17), enfatizam que o contato com a prática faz toda a diferença. “Angariamos aqui muito mais conhecimento”.

Para saber mais sobre o projeto do biodiesel basta entrar em contato com o professor João Neto. O e-mail é joaoamorimneto@gmail.com



SERGINHO MERITI, SUCESSO JÁ ETERNO

Jaime Sautchuk



Uma de suas músicas foi trilha sonora das Olimpíadas, outras sonorizam novelas e eventos e tantas mais, estas inéditas, recheiam o disco "Sebastiões", presetes a sair, uma homenagem ao Rio de Janeiro e sua gente. Ele é Sérgio Roberto Serafim, mais conhecido por Serginho Meriti, que anda passando uns tempos no Planalto Central.

Seu pai, Felisbino Antônio Serafim, era gaúcho de Alegrete e se mudou pro Rio ainda na adolescência. Lá, conheceu Nair Antônio de Oliveira, mineira de Tombos de Carangola. Juntos, foram morar em São João do Meriti e tiveram oito filhos. Serginho, o mais novo da prole, nasceu em 1958.

Desde pequeno, ele se assanhava com as peripécias do pai, que, embora morando longe, usava seus dotes no violão em meio à boemia da Lapa, na zona central. E o divertimento maior do menino era zanzar ao redor de blocos carnavalescos como Quem Quiser Pode Vir, Unidos da Galeria e Unidos da Ponte, que estavam nascendo.

Os primeiros estudos foram

numa escola multiclasse da zona rural, no Meriti, improvisada num barracão. Ele conta que ali mesmo, nos intervalos, surgiam os primeiros relampejos de compositores, nas rodas da meninada pra fazer paródias dos sucessos de cada período do ano, em especial nas proximidades de carnavais.

Quando tinha seus 9 ou 10 anos, seu pai o levou em passeio pra que conhecesse a Central do Brasil e outros logradouros do cenário carioca. Foi a conta, segundo ele, pois bastou aprender o caminho pra começar a pegar o rumo do centro, onde "havia mais gente, mais movimento, mais vida".

Mas foi desta forma, também, que ele tomou contato com os burburinhos culturais de então, com o detalhe de ver e ouvir muita gente já famosa que anos depois viria a gravar músicas suas. No mundo, era a explosão do rock, no Brasil, o auge da Jovem Guarda e da MPB, além do samba raiz, tudo interessava a ele.

Contudo, era no samba que o jovem Meriti se sentia em casa, de modo que passou a andar com algumas composições no bolso,

à espera de uma chance de que alguém se interessasse. Era um misto de ansiedade e paciência, até conhecer o produtor Edson Menezes.

Este vinha organizando uns discos denominados "Pau de Sebo - Olé do Partido Alto", que ajuntavam todo mundo que estivesse por perto em um mesmo volume, numa grande salada. Menezes ouviu umas peças do candidato, gostou, e encaixou a música "Pedra Que Rola Pro Mar" no álbum que estava produzindo. Era a estreia do compositor e do cantor, pois o produtor usou a fita que ele havia entregue.

Também naquele período, o cantor Bebeto era o estouro das paradas, tudo que gravava era sucesso no Rio e, dali se espraiava Brasil afora. Ocorreu que, das doze faixas de um novo disco seu, onze eram de Meriti. E Roberto Menescal, também nas paradas, no mesmo embalo produziu com ele o primeiro disco da série Newdisc da Pholigram.

Estava, desta forma, definitivamente escancarada a porteira.

Nomes então já consagrados

do cenário musical brasileiro passaram a incluir músicas de Meriti em seus repertórios. Alcione, Beth Carvalho, Jorge Benjor, Martinho da Vila, Evandro Mesquita, Maria Rita e Diogo Nogueira são alguns desses nomes. E todos expressam na mídia grande satisfação com a escolha que fizeram.

Um grande marco, contudo, foi em 2002, quando Zeca Pagodinho gozou de retumbante sucesso ao gravar "Deixa a Vida Me Levantar", que parece ter sido feita de encomenda pra ele. Desde então, Pagodinho gravou mais de três dezenas de músicas de Meriti, embora também sejam parceiros em algumas.

Sob encomenda, também, parece o caso de "Negra Ângela", que Roberto Carlos cantou no primeiro show de fim de ano após a morte de sua companheira Maria Rita. Uma composição sem o embalo tradicional do moleque Serginho, mais melódica, emocional. Mas já estava pronta quando Roberto a encomendou.

Nessas horas parece que baixa um carma de Bob Marley, uma vontade de pregar a justiça e a paz, como ocorreu ao compor "Apartheid, não!", que Beth Carvalho gravou ainda na época da segregação racial na África do Sul.

Marley, aliás, é o tema da banda Comunidade Reggae, que Meriti mantém com seu irmão Guilherme, como forma de passar o tempo e se inspirarem quando se encontram. "No caso, cantamos em inglês, mas meditamos em português, e a verdade é que Marley me mudou muito", explica o nosso personagem.

É no samba, contudo, que está

sua inspiração maior. Ele é membro da ala de compositores da Escola de Samba da Mangueira. Ali, ele já ficou sete vezes em segundo lugar na escolha do melhor samba, aquele que puxa a agremiação na avenida. Mas se conforma, dizendo que o importante é estar lá, de verde e rosa.

Serginho Meriti foi casado por 12 anos com a esteticista Valéria da Silva Coutinho, com quem morou em São Paulo e não teve filhos. Depois, em outras relações mais prolongadas teve três filhos, de mães diferentes, com os quais mantém relações muito boas, segundo relata. Bruno, o mais velho, hoje com 35 anos, ainda mantém contato permanente.

Isto, conforme explica, apesar de que a vida do artista da música, hoje em dia, é de "correr atrás". Uma vez que a pirataria deu fim à indústria fonográfica "o compositor tem que sair pra cantar", afirma. E por isso, atualmente segue os ditames do empresário Zico Cerqueira, que domina o trecho entre Belo Horizonte e Cuiabá, ou seja, todo o Centro-Oeste.

Ele não sabe ao certo quantas músicas já compôs e estão correndo o mundo. Só sabe que não quer parar. No momento, além do "Sebastiões", ele põe a voz no disco "Cantante", que servirá de referência por algum tempo. De resto, sempre sorridente e feliz, vai deixando a vida lhe levar.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

Fotos: Acervo Serginho Meriti



A OI PODE SER ESQUARTEJADA E VOCÊ FICARÁ COM A CONTA

Gustavo Gindre

O governo e as operadoras de telecomunicações pressionam pela tramitação de um projeto de lei (PL 3453/2015) que acaba com as concessões (hoje existentes apenas na telefonia fixa) e a prestação do serviço em regime público, além de permitir a venda de bilhões de reais em bens que são utilizados pelas operadoras, mas que deveriam ser revertidos à União em 2025.

O projeto tem sido encarado como uma forma de salvar a Oi. Mas talvez ele seja, ao contrário, a maneira encontrada para extinguir a Oi. Expliquemos.

Embora o projeto de lei seja bastante vantajoso para as operadoras de telecomunicações, ele não resolve o grande problema estrutural da Oi, que é a única empresa a operar em mais de 3 mil pequenos municípios brasileiros, enquanto compete com grandes grupos transnacionais (como America Movil e Telefonica de España) nas principais cidades do país. Sem resolver essa assimetria, a empresa seguirá inviável mesmo que consiga encontrar uma forma para equacionar sua dívida de mais de R\$ 60 bilhões.

Nesse caso, o PL 3453/2015 pode ser parte de uma outra es-

tratégia, de esquartejamento da Oi. A empresa ficaria livre para alienar sua fortuna em imóveis e, ao mesmo tempo, vender para as demais operadoras seus ativos mais valiosos como o backbone nacional, os datacenters, a rede física em São Paulo (que a NET já afirmou ter interesse) e a operação celular (que poderia ser dividida por Vivo, Claro e TIM). O montante arrecado serviria para pagar boa parte de suas dívidas, para felicidade dos credores.

Ao final desse processo, restaria, apenas, aquilo que as demais empresas não desejam: a operação fixa em mais de 3 mil pequenos municípios brasileiros. Essa rede deficitária seria, então, repassada à Telebras.

A operação teria como consequência a diminuição da concorrência nos grandes centros urbanos, o fim da Oi (a única operadora privada que ainda possui parte de capital nacional) e a transferência para o Estado das obrigações de provimento dos serviços de telecomunicações nas cidades pequenas, deixando para a iniciativa privada apenas a parte lucrativa.

Em resumo, a privatização do lucro e a estatização do prejuízo.



Gustavo Gindre – Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



MANUELA SÁENZ

A LIBERTADORA DO LIBERTADOR

Ieda Vilas-Boas

Para ler e gostar deste texto é preciso voltar à história, relembrar as duras batalhas pela independência da América do Sul e (re) conhecer grandes homens como José de San Martín, Simón Bolívar, e essa esplêndida e corajosa mulher que tinha o coração livre das amarras sociais vigentes naquele tempo.

O poeta chileno Pablo Neruda devotou-lhe versos que contam bem sua vida, suas lutas e sua morte em a "La insepulta de Paita". Neruda traça um esboço histórico de Manuela e, com uma nota de amor ardente e pura admiração, quer e tenta trazê-la de volta à vida. O poema leva como subtítulo "Elegia dedicada a memória de Manuela Sáenz, amante de Simón Bolívar".

(...) XI - (Excertos)
EPITAFIO
Éstafue la mujerherida:
en la noche de loscaminos



Fotos: Acervo Ieda Vilas-Boas

tuvo por sueño una victoria,
tuvo por abrazoel dolor.
Tuvo por amante una espada.

XVII - ELLA
Túfuiste la libertad,
libertadora enamorada.
Entregaste dones y dudas,
idolatrada irrespetuosa.
Se asustabaelbúhoen la sombra
cuandopasó tu cabellera.
Y quedaronlastejas claras,
se iluminaronlosparaguas.

Las casas cambiaron de ropa.
El invierno fue transparente.
Es Manuelita que cruzó
lascalles cansadas de Lima,
la noche de Bogotá,
la oscuridad de Guayaquil,
el traje negro de Caracas.
Y desde entonces es de día. (...)

Destemida e guerreira foi, sobretudo, uma patriota, companheira sentimental do grande libertador das Américas, Simón



Em 2018, a luta do CNS e dos povos da floresta completa 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem. Porém, o tiro certeiro que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e de liberdade. Chico Mendes continua vivo na luta e na esperança de cada qual de nós.

Essa luta tem permitido muitos avanços com relação à defesa da floresta, mas infelizmente a violência continua ceifando vidas e provocando imensas dores no coração da Amazônia, apontando o rumo dos embates.

O CNS começa agora, no segundo semestre de 2016, o projeto CHICO MENDES - 30 ANOS, rumo à construção de uma grande mobilização nacional para honrar a memória e fazer multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

Chico Mendes Vive!



O Sindicato dos Comerciários no DF nasceu em 1963 e em 50 anos cresceu muito.

De uma pequena sala no Setor Comercial Sul, o Sindicom tem um patrimônio que orgulha a categoria. Foi uma luta que envolveu muito suor, trabalho e atuação fundamental dos filiados. Vamos dar destaque para os últimos 20 anos, que coincide com o processo de democratização do país cujo qual valorizou o trabalhador no comércio.

A verdade é que a diretoria colegiada e a presidente, Geralda Godinho, fazem questão de mostrar toda essa estrutura que se encontra disponível para a categoria e trabalhadores em geral.

A pequena sala sede hoje é o andar inteiro com consultórios médicos, odontológicos, homologação, departamento jurídico, apoio de base e imprensa. Em Taguatinga tem sede também contando com o que há de mais moderno para atender os associados. As subsedes se encontram em Sobradinho e Gama.

O Clube dos Comerciários conta com uma mega estrutura de lazer, com piscinas, churrasqueiras, restaurante, área verde, salão de jogos, campo e futebol, campo de areia e o salão de festas.



REDE DE ATENDIMENTO:

BRASÍLIA

Setor Comercial Sul, quadra 6, edifício José Severo, 7º andar
Tel: 3038-2200 / 3224-1584

TAGUATINGA

Endereço: QNE 31, lote 2
Taguatinga Norte, no horário das 8h às 18h - Tel: 3037-8812

SOBRADINHO:

Quadra 8, Bloco 18, Loja 9 - Sala 4.
Tel: 3487-2586

GAMA:

Edifício Office Center 3º andar sala 309 Setor Central do Gama.
Tel: 3384-6747

CLUBE

Fazenda Ponte Alta Norte V Gleba A - Número 25 - Núcleo Rural Casa Grande - CEP 72-400-000 - Recanto das Emas - DF - Fone:(61) 3404-0851

✉ presidencia@sindicomdf.com.br



sindicatodoscomerciarior.dodf

🌐 site: www.sindicomdf.com.br

3224-3808 / 3038- 2200 / (Fax) 3224-1584

Orgulho de ser Comerciário, esse é nosso lema! Filie-se

Bolívar, e heroína da independência da América do Sul.

Manuelita, como era intimamente chamada, recebeu ainda, do próprio Simón Bolívar o carinhoso codinome de Libertadora do Libertador, pela sua atuação nas batalhas enfrentadas ao lado de Simón Bolívar e por tê-lo livrado da morte durante um atentado.

Sua atuação política e amorosa foi duramente criticada e denigrada. Seus contemporâneos a ignoravam e ainda hoje, séculos depois de sua morte, sobram preconceitos ao seu redor. Entretanto, existe uma corrente que a toma como heroína da independência de alguns países da América do Sul e precursora do feminismo na América Latina.

Até onde sua história alcança, Manuelita desperta ódio ou amores, debates e controvérsias. A vida sempre foi dura com Manuela Sáenz. Sua mãe faleceu em seu parto e primeiro foi criada em companhia de freiras conceptionistas. Depois, foi resgatada pela segunda esposa de seu pai que lhe ensinou os bons costumes e a leitura.

Como moça prendada e cheia de prodígios, Manuelita aprendeu todos os ofícios caseiros e também a falar e escrever em Inglês e Francês. Essas habilidades possibilitaram sua sobrevivência em seus anos de exílio em Paita, ao norte do Peru.

Manuela cedo se envolveu em atividades independentistas e por seus ideais libertários conheceu José de San Martín, que lhe concedeu o título inédito de "Caballera de la Orden El Sol del Perú", quando da Libertação de Lima. Nessa mesma época, conhece Simón Bolívar, um parceiro de lutas de San Martín.

A partir de então, Manuela e Simón Bolívar se tornaram amantes e companheiros de luta por oito anos, até a morte dele. Manuela foi líder, estrategista, tinha uma excelente pontaria e foi o grande amor de Simón Bolívar.

Seguiria lutando ao lado de seu grande amor e abandonou seu matrimônio com um Inglês porque, segundo ela: "que no podia amar a um homem que reia sin reir, que respiraba pero no vivía". Esse comportamento considerado impróprio abriu antecedentes para o autodeterminismo de uma mulher em época de extrema repressão.

Manuelita foi ancoradouro, sombra, confidente e guardiã de Bolívar. Cuidou e salvou seus arquivos pessoais, protegeu sua vida e seus interesses políticos.

Após a morte dele, Manuelita foi banida

da Colômbia e partiu para um breve exílio na Jamaica. Depois regressa ao Equador, mas não consegue chegar a Quito porque teve seu passaporte revogado pelo Presidente Vicente Rocafuerte. Assim, decidiu instalar-se em Paita.

Ali, foi visitada por ilustres personagens que reconheciam seu valor histórico e social como o patriota Giuseppe Garibaldi, ou o escritor peruano Ricardo Palma, que redigiu seu livro Tradiciones Peruanas com base nos relatos de Manuela.

A partir dali, nossa mulher-coração, nascida em Quito, Equador, em 27/12/1795, por 25 anos seguidos, passou a viver das boas memórias de seu amor e de suas lutas; também traduzia e escrevia cartas aos EUA, ajudando os analfabetos da região em suas demandas. Vendia tabaco e por dom e necessidade fazia bordados e doces por encomenda. Faleceu em Paita, em 23/11/1856, aos 58 anos de idade com difteria epidêmica.

Não teve distinção ou honrarias, não tocaram trompetes em sua homenagem. Seu corpo foi sepultado em vala comum e seus pertences incinerados, entre eles as cartas de amor que recebeu do Libertador e documentos im-



portantes da Colômbia que estavam sob sua custódia. Costumava dizer aos que perguntavam de seu amor pelo Libertador: "Vivo adoré a Bolívar, muerto lo venero".

Tinha estampados em seu peito dois amores: Independência e Bolívar. Podemos admirar Manuelita Sáenz como uma das maiores defensoras do direito à liberdade e dos direitos da mulher. Metaforicamente foi a gestora da Independência de países como Colômbia, Equador e Peru.

Em vida recebeu muitos codinomes: "Caballera del sol", La Sáenz (pelos inimigos), "Amable loca", "Manuelita la bella" e o maior de todos - "A Libertadora do Libertador". Postumamente recebeu homenagens de vários países, sendo que um punhado da terra de Paita foi trazido à Venezuela e colocado no Panteão Nacional.

Esses restos simbólicos percorreram os países Peru, Equador, Colômbia e Venezuela e foram se aportar em Caracas,

onde foram depositados num sarcófago, onde repousam, para sempre, ao lado dos restos mortais de Simón Bolívar.

O governo venezuelano erigiu uma escultura de 14 metros a Manuela Sáenz, o monumento é chamado de Rosa Roja de Paita e encontra-se ao lado do mausoléu de Simón Bolívar em Caracas. Também recebeu, depois de sua morte, a ascensão ao posto de General da Divisão do Exército Nacional Bolivariano.

Resgatar a memória e vida de Manuela Sáenz possibilita regatar a todos os lutadores e a todas as lutadoras que não figuram nos conhecidos catálogos de heroísmo. Ademais, coloca a mulher como protagonista de importantes eventos, sem abandonar seu ideal de amor.



Iêda Vilas-Boas
Escritora

O SINDPD-DF é uma conquista de todos os trabalhadores de Tecnologia da Informação, que tem um sindicato atuante em defesa de suas reivindicações.

Para homenagear tantos trabalhadores e dirigentes que marcaram esses 30 anos de história, o sindicato promove no dia 12 de novembro uma grande festa para seus sindicalizados com o cantor Chico César e a banda Esquema Seis, na AABB.

A história do sindicato começa na década de 1970 quando foi dado o pontapé inicial com a criação da Associação dos Profissionais de Processamento de Dados – APPD. Com a abertura política no Brasil, em 20 de fevereiro de 1986, o SINDPD-DF conquistou sua carta sindical, o que coroou a luta de toda a categoria.

O sindicato sempre esteve à frente do seu tempo e encampou lutas históricas nacionais e conquistou a licença-paternidade, incluída na Constituição Federal. Um direito conquistado pelos trabalhadores de informática que se tornou direito para todos os pais brasileiros.

A saúde dos trabalhadores sempre foi uma grande preocupação do sindicato, o que levou à luta que modificou a legislação referente às doenças do trabalho, incluindo as Lesões por Esforço Repetitivo (LER e DORT) no rol de doenças da previdência social.

No ano de comemoração dos 30 anos, o sindicato promoveu uma série de eventos para a categoria, iniciando com duas sessões solenes na Câmara Legislativa e Câmara dos Deputados, onde foi agraciado com um selo dos Correios. “Muito nos orgulha nossa história, pois deixamos um legado de forte representação para a nossa categoria e muitas outras categorias profissionais”, afirma Djalma Ferreira, presidente do SINDPD-DF.



EM GOIÁS E NO BRASIL: EDUCAÇÃO FORA DO EIXO

“Uma escola sem partido é uma escola sem senso crítico. É uma escola racista, é uma escola homofóbica. A escola sem partido é falar pra sociedade que querem formar um exército de não-pensantes, um exército que ouve e abaixa a cabeça, e nós não somos isso.”
Ana Júlia, 16 anos, estudante paranaense



Fotos: Acervo Sintego

Fora do Eixo. Por obra do governo temerário que se instalou no país desde maio de 2016, o sistema educacional brasileiro entrou em rota de colisão com seu próprio eixo. A cada dia, ações arbitrarias por parte dos detentores do poder acirram a guerra ideológica que vira a educação brasileira de ponta-cabeça.

Na defesa de uma “Escola sem Partido”, ignora-se a tradição democrática do diálogo e parte-se para a repressão. A socie-

dade reage, e apanha. Em Miracema, no Tocantins, 26 jovens foram presos e algemados na manhã do dia 27 de outubro por protestarem contra a MP 46, do Ensino Médio, e a PEC 241 (que vira PEC 55 no Senado), que congela os recursos da Educação por 20 anos.

Segundo a própria Polícia Militar (PM), a maioria dos presos de Miracema era menor de 18 anos e pelo menos um deles não havia completado os 15 anos de idade. Fotos dos jovens algema-

dos correram mundo, sensibilizando corações e mentes. “Nem nos tempos da ditadura estudantes eram tratados assim”, reagiu o jornalista Élio Gaspari em mídia nacional.

GOIÁS: SINTEGO E ESTUDANTES VÃO ÀS RUAS

Em Goiás, a arbitrariedade se repete. No mesmo dia 27, em Anápolis, cinco estudantes foram presos dentro da Subsecretaria de Educação “por ameaça

de protesto” contra a MP 746, a PEC 241(55) e a implantação das Organizações Sociais (OS) na rede estadual de ensino.

Juliane Ribeiro, estudante da Universidade Estadual de Anápolis (UEG) explica como se deu a prisão: “Fomos surpreendidos com a ação da PM que, ao chegar, perguntou o que fazíamos ali. Respondemos que faríamos uma manifestação e, sem mais nem menos, os policiais nos acusaram de ameaça de invasão e foram logo nos algemando”.

E a situação só piora: Matéria veiculada no site Ponte (replicada pelo Jornal GGN, do jornalista Luís Nassif), revela que o governo de Goiás espiona estudantes e professores. Mais: estudantes relataram que foram espancados por policiais militares.

Assim como a antiga Gestapo dos tempos da Alemanha nazista, em Goiás os diretores de escola atuam como espíões, informando à polícia os nomes de professores e estudantes envol-

vidos com movimentos de contestação.

Os estudantes, ao participarem de um protesto, são identificados e chamados para terem “uma conversa” com a direção de sua escola. “Olheiros” infiltrados pelo governo que participam de reuniões em sindicatos e movimentos sociais para informar aos seus superiores tudo o que é falado ali.

De acordo com a matéria, um grupo no Whatsapp, formado por aproximadamente 20 servidores do governo goiano, busca neutralizar os movimentos de resistência de professores e alunos contrários ao projeto do governo Perillo de terceirização da gestão escolar através das OSs.

“Num trocadilho com as letras das OSs, o grupo de Whatsapp se chama SOS Escolas. Entre seus membros, estão a secretária de Educação, Raquel Teixeira, e o comandante geral da PM goiana, Coronel Divino Alves de Oliveira”, relata a matéria.

Ante veementes protestos dos professores e da direção do Sintego durante toda a tarde, ao final do dia os alunos foram liberados. Inconformado, o professor José Natal, presidente da Regional do Sintego em Anápolis classificou as prisões de arbitrárias e indevidas: “Sequer houve protesto. Os estudantes foram presos para averiguação. Isso só acontecia na época da ditadura”.

Em defesa dos estudantes, das liberdades democráticas e da educação pública, o Sintego foi às ruas. Em manifestação no centro de Anápolis, professores, estudantes e dirigentes do Sintego distribuíram panfletos informando a população sobre os desmandos do governo do Estado, o desmanche do Ensino Médio e os riscos da PEC 241 para o futuro da educação pública em Goiás e no Brasil.

Solidário com os estudantes goianos, que ocupam várias outras escolas no Estado, o Sintego se posiciona firmemente contra

as prisões ilegais de estudantes; e também contra o descumprimento da Lei do Piso, que é federal; o não pagamento do Piso para os professores e da Data Base para os administrativos; e pela ameaça do repasse dos recursos da Educação para as OS, em um claro processo de privatização do ensino público.

ESCOLA “COM PARTIDO”, ENSINO PRIVADO

Em Goiás, a “Escola sem Partido” se traduz em contratos de gestão com a iniciativa privada, conforme denúncia do site do Jornal Folha Z, segundo o qual o governo Perillo, por meio das OSs, está implantando uma “escola com partido” no sistema educacional goiano.

Em matéria recente, o Folha Z informa que José Roldão Gonçalves Barbosa, proprietário da Associação Grupo Tático de Resgate (GTR), a OS selecionada para a gestão de 23 escolas estaduais em Anápolis, é filiado ao PSDB, partido do governador Marconi Perillo.

Segundo o Folha Z, a filiação Roldão ao PSDB, que é presidente da Federação das Santas Casas e Entidades Filantrópicas de Goiás (Femigo), conflita com o Edital de Chamamento das OSs: “os membros da Comissão de Seleção, além de não remunerados, não poderão possuir qualquer vínculo com os proponentes (parceiros privados) participantes da seleção”. O Sintego impetrou ação junto ao Ministério Público de Goiás (MP-GO) questionando a probidade do GTR.

Para Bia de Lima, presidenta do Sintego, a situação se agrava pela suspeita de que o programa de privatização do ensino público via OSs pode estar relacionado com os desvios de verbas da Saneago para o financiamento de campanhas tucanas no esta-



do, conforme dados da Operação Decantação, da Polícia Federal. Segundo a Polícia Federal, parte dos recursos desviados foram repassados às OSs da Saúde, que administram os hospitais públicos em Goiás.

O Folha Z registra que a prisão de Afreni Gonçalves, presidente do PSDB, e de José Taveira, presidente da Saneago, em agosto de 2016 desmascarou o esquema de corrupção que vincula as OSs como canal de repasse dos recursos da educação para o financiamento de campanhas eleitorais tucanas no Estado.

Segundo a PF, recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), de financiamentos do BNDES e da Caixa Econômica Federal foram desviados para o pagamento de propinas e dívidas das campanhas políticas do partido em Goiás. Em 2015, o governo goiano pagou às OSs da Saúde cerca de R\$ 660 milhões. Por outro lado, o TCE-GO apurou que apenas 51% do que o Estado pagou às OSs foram usados para pagamento de salários de fun-

cionários e diretores.

“Essa é uma realidade que precisa ser mudada, que não pode ser aceita de maneira nenhuma. Por isso, o Sintego foi às ruas com os estudantes no final de outubro. No dia 26 apoiamos e participamos do fechamento de três rodovias federais em nosso Estado: O trecho urbano da BR-153, na entrada de Anápolis, a BR-364 em Jataí, e a BR-050 em Catalão. Professores, estudantes e sindicalistas nos juntamos para lutar contra a MP 746, a PEC 241, o não pagamento do Piso e da Data Base e a instalação da “Escola sem Partido” por meio das OSs na rede pública de ensino do Estado”, explicou Bia.

Bia ressaltou ainda que “a sociedade não está sendo ouvida e a única forma de tornar pública a pauta da Educação é protestando. A aprovação da PEC 241 não vai apenas limitar os gastos com educação e saúde, vai trazer um retrocesso, contribuindo assim para a queda na qualidade do ensino”, completou a presidenta do Sintego.



O CUIDADO COM NOSSO único planeta

Leonardo Boff

Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra. É um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos.

Por causa do assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos, esse equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu oito vezes, consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes.

O agravamento desse quadro, com a mundialização do acelerado processo produtivo, faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra.

Parca é a consciência coletiva que pesa sobre o nosso belo planeta. Os que poderiam conscientizar a humanidade desfrutaram gaiatamente a viagem em seu Titanic de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um iceberg ecológico que nos fará afundar celeremente (...).

Para cuidar do Planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. Importa desenvolver uma ética do Cuidado.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) elaboraram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida com o título "Cuidando do Planeta Terra" (Caring for the Earth, 1991). Ai estabelecem nove Princípios de Sustentabilidade da Terra. Projetam uma

estratégia global fundada no Cuidado.

1. Construir uma sociedade sustentável;
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;
3. Melhorar a qualidade da vida humana;
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do planeta Terra;
5. Permanecer nos limites da capacidade do planeta Terra;
6. Modificar atitudes e práticas pessoais;
7. Permitir que as comunidades cuidem do seu próprio meio ambiente;
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação;
9. Construir uma aliança global.

Esses princípios dão corpo ao cuidado essencial com a Terra. O cuidado essencial é a ética de um planeta sustentável. Bem enfatizava o citado documento Cuidando do planeta Terra:

"A ética de cuidados se aplica tanto em nível internacional como em nível nacional e individual; nenhuma nação é autossuficiente; todos lucrarão com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la."

Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro e de esperança.



Leonardo Boff

Teólogo, filósofo e escritor in "Saber Cuidar", Editora Vozes, 18ª edição, 2012.





E AÍ, VAMOS DE RODÍZIO?

Antenor Pinheiro

Sucessivas abordagens editoriais e indicadores obtidos por importantes pesquisas confirmam o processo da "são-paulização" das cidades médias brasileiras, como Goiânia, Campinas, Campo Grande, Palmas, Brasília... Não obstante os avanços urbanísticos verificados na última gestão de São Paulo, essas cidades cami-

nham para o primeiro estágio do caos urbano: o irreversível congestionamento viário.

Decorrência dessa anomalia está o recrudescimento da violência, afinal, em números absolutos, o Brasil é o quarto país do mundo entre os campeões de mortes no trânsito, próximo de 45 mil mortes/ano, ficando atrás somente da China, Índia e Nigéria.

A velocidade média dos veículos no "rush" dessas cidades, em de-

terminados trechos, se aproxima de Bangcoc/Tailândia (3,4 km/h), enquanto a marcha normal do pedestre continua a 5,5 km/h.

Sabemos não haver mágica para o problema da fluidez de veículos. Construir viadutos, abrir praças e alargar ruas apenas camufla o drama, além de deteriorar seus poucos espaços de convivência. Administrar fluidez é como enxugar gelo, não tem fim, mas ao fazê-lo a gestão precisa agregar

instrumentos de qualificação já disponíveis para amenizar tanto desconforto.

E mesmo assim a questão culminará nos clássicos dilemas que deverão balizar as decisões de governo: priorizar o transporte individual ou o coletivo? O automóvel ou o pedestre? A minoria ou a maioria? – Eis a questão de fundo!

Agrava o quadro a política de uso e ocupação do solo. Nessas cidades médias em expansão desordenada o que ainda se observa é a resistência das gestões a tendências sustentáveis. A influência do poder econômico se sobrepõe ao critério técnico na liberação da construção de polos geradores de viagens.

Só para ilustrar, vejamos o que ocorre nessas cidades com os processos de rápida verticalização e expansão de seus perímetros em que as aéreas rurais e os espaços verdes são suprimidos agressivamente em favor dos interesses imobiliários.

Muito empreendimento, muita especulação, pouco planejamento! Para justificar a sandice, alegam os empreendedores e governos que havendo estacionamento disponível resolve-se a demanda, esquecendo-se de que para ac-

sá-lo é preciso ocupar os espaços viários. Sandice que resultará em mais retenção, acidentes, lesões, mortes e deterioração ambiental. Logo, menos qualidade de vida.

Do ponto de vista de logística de fluidez no trânsito, São Paulo é boa para nós, mas como laboratório para que aprendamos sobre como e o que não fazer ou imitar.

Em tudo ela é dez vezes mais que a média dessas cidades, como Goiânia, com sua população, frota, vias, acidentes, mortes etc. Logo, onde essa proporção 10/1 se verifica temos dez vezes mais chances de evitarmos os erros cometidos lá, a cidade dos "minhocões".

Não há que submeter as populações das cidades médias brasileiras ao mesmo martírio paulistano, se invertermos a visão equivocada que alimenta políticas de incentivo ao uso do automóvel.

Primeiro, porque a própria cidade de São Paulo na sua atual gestão (2013-2016) avançou neste quesito ao revisar recentemente seu Plano Diretor; e segundo porque teve coragem de recuperar espaços para o transporte coletivo e o transporte ativo (bicicletas) na sua malha viária coalhada de carros e motocicletas, antes a

prioridade.

Por isso, que tal, neste momento pós-eleitoral, anunciarmos a inadiável ampliação dos corredores de ônibus; a instituição das zonas de restrição de tráfego; o sistema de estacionamentos automatizados (parquímetros) e pedágios urbanos como equipamentos de financiamento das políticas de mobilidade humana; a humanização das calçadas; a racionalização da expansão urbana, enfim?

Do contrário, continuaremos a "são-paulizar" nossas cidades médias (e logo mais as pequenas), percorrendo o caminho inverso, logo mais restando como solução para o deslocamento humano um bom sistema de som, geladeira, ar condicionado e penico como acessórios veiculares para enfrentar o que já se anuncia.

Ou, quem sabe em breve, mas muito em breve mesmo, vamos de rodízio, esse paliativo que inventaram para esconder o verdadeiro problema do colapso das cidades. Só para começar!



Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

FOI UMA DERROTA POLÍTICA NÃO UM DESASTRE IRREMEDIÁVEL

Trajano Jardim

Sempre que se sofre uma derrota, principalmente política, a sensação é de que nosso projeto desabou e não tem mais jeito. A partir dessa sensação começamos a procurar culpados pelo desastre, sem deixarmos a poeira que embota o nosso senso crítico baixar e fazer análise criteriosa do que nos levou à derrota sem derrotismos.

Historicamente as esquerdas sofrem da síndrome do catastrofismo. Em 1935, com a derrota do "Levante Comunista", buscou-se culpados pelo desfecho do processo. A discussão estabeleceu uma luta interna dentro do Partido que durou muitos anos, em virtude das consequências que a derrota ocasionou ao movimento revolucionário brasileiro e às relações internacionais dos comunistas do Brasil.

Após o golpe de 1º de abril de 1964, caminhando pela Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, com um grupo de camaradas gráficos, depois de vermos frustradas as promessas de resistência do comandan-

te dos fuzileiros navais almirante Aragão, ergueu-se um verdadeiro 'muro de lamentações' entre nós. Cada um tinha motivos, análises, ou setores para despejar as culpas da derrota. Tudo dentro do achismo próprio desses momentos de angústia.

Nos meses que se seguiram, a bola da vez era a direção do PCB. Tecia-se crítica à política de frente-ampla com a burguesia; ilusão de classe que impediu organizar a militância para resistir; A culpa era do Prestes, de ter, como dirigente principal, confiado em demasia no esquema militar de Jango; Aos dirigentes sindicais do CGT, culpavam pelo erro tático da greve geral dos transportes que impediu a população de ir para as ruas. Nesse processo de crítica e autocritica caía-se no terreno pantanoso da busca de um "bode expiatório" para justificar a derrota.

A praxis e prática se encarregaram de mostrar o caminho. A primeira como objeto de observação desempenha um papel

relevante neste processo de autocritica. A segunda, como se sabe, depende da prática social e para que ela se consolide é importante a passagem dos anos. Isto não significa que ela seja eterna. Com a correta aplicação dos conceitos de "práxis prática", o movimento popular e os setores progressistas da sociedade conseguiram derrotar a ditadura militar de 64 e chegar até aqui.

Depois de 13 anos do governo democrático e popular, nova derrota surpreende a sociedade e os movimentos populares com um golpe.

Diferente de 64, que foi um movimento militar com apoio de amplas parcelas da população classe média, o golpe de agora foi desfechado pelo Congresso Nacional, pelo judiciário, pelo Ministério Público e pela Polícia Federal e apeou do poder uma presidente eleita democraticamente, com sofismas de legalidade.

Da mesma forma de antes, estamos embaralhados na busca de culpados pelo desfecho. Muito se tem escrito e especulado sobre a derrota e como superá-la.

Dentro do próprio partido majoritário, surgem opiniões, explicações e propostas das mais diversas, dependendo da corrente política interna do partido. Algumas absurdas, propondo a dissolução ou mudança do nome do Partido dos Trabalhadores.

O mesmo caminho tomado pelos comunistas do PCB, que se transformaram em PPS e hoje atuam como "correia de transmissão" de partidos de direita. O açodamento levado por derrotas pontuais no institucional, não abre espaço para aplicação correta da análise com base na "práxis e na prática".

A onda neoliberal em curso que atinge

o Brasil e o mundo chegou como um tsunami e com o governo ilegítimo instaurado busca cumprir a agenda de reestruturação da cadeia produtiva, a precarização do trabalho, com a retirada de direitos sociais consagrados na CLT e na Constituição Federal. Para fazer oposição a essa onda, temos que refletir a expectativa da ditadura de agora, instaurada sem tanques nas ruas, somente com o apoio das togas e da mídia conservadora. Refletir sobre como retomar a confiança dos trabalhadores, que não se movimentaram para defender as suas conquistas e o estado democrático de direito.

Não é hora de procurarmos os "culpados" pelo retrocesso. Devemos retomar, sem hegemonismos de grupos ou partidos, a unidade das frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, MST, os movimentos sociais independentes, para uma reação de classe à agenda de desmonte dos direitos sociais e trabalhistas, em defesa da soberania nacional, preceitos colocados na agenda neoliberal em curso, das forças que estão temporariamente no poder.

Se soubermos reencontrar o caminho que nos levou as grandes jornadas de pós-ditadura de 1964, veremos que sofremos uma derrota política e não um desastre irremediável.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário



ZUMBI DOS PALMARES

Líder do Quilombo dos Palmares
O maior dos quilombos do período escravocrata brasileiro
Nascido: 1655, União dos Palmares, Alagoas
Assassinado: 20 de novembro de 1695 - Serra Dois Irmãos -- Alagoas

NEGRO ZUMBI

Negra é minha pele
E negro eu sou!
Sou raça, sou orgulho
Sou força, sou amor!

Tradição e luta
Meu povo é guerreiro
Sou Zumbi dos Palmares
O rei negro brasileiro!

Levo minha coragem
Carregada na veia
E no meu coração
O orgulho se incendeia

Sou negro Zumbi
E trago na memória
Que minha raça fez
De glória sua história

Marco Casagrande
Compositor e Poeta

NOVEMBRO - MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Preservação das áreas de proteção ambiental

A Terracap coloca esse patrimônio em suas mãos

Muito mais do que três poderes, Brasília também tem o poder de PROTEGER suas nascentes. O desenvolvimento planejado preserva as áreas de proteção ambiental e afasta graves ameaças como o assoreamento de córregos e a diminuição das matas ciliares. A Terracap promove a venda de terras regularizadas como a forma mais eficaz de garantir a sustentabilidade, respeitar o meio ambiente e defender esse patrimônio inestimável, que é de todos nós.

AO VIVO

**TODAS AS SEXTAS,
ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA, CANAL 12 DA NET.**



AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTE DIAS E HORÁRIOS

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
13H	23H	13H	18H	22H30	12H	16H30

Assista também no portal bancariosdf.com.br e no [facebook/bancariosdf](https://www.facebook.com/bancariosdf)